

ARGO NAUTAS

TRADUÇÃO EUGÉNIA ANTUNES

ORFEU
NEGRO

MAGGIE NELSON

ao Harry



Outubro de 2007. Os ventos de Santa Ana arrancam tiras compridas e brancas à casca dos eucaliptos. Eu e uma amiga desafiamos os ramos pendentes, e potencialmente fatais, com um almoço ao ar livre durante o qual ela sugere que eu tatue «DURA DE ROER» nos nós dos dedos: uma lembrança dos possíveis frutos desta minha atitude. Em vez disso, saí-me da boca a expressão «amo-te» como uma evocação da primeira vez que me fodeste por trás, a minha cara esmagada contra o chão de cimento do teu húmido e fascinante apartamento. Tinhas o *Molloy* na mesa-de-cabeceira e um monte de *dildos* num polibã fora de uso e mal iluminado. Há melhor que isto? *O que é que te dá prazer?*, perguntaste, e ficaste à espera da resposta.



Até nos conhecermos, acreditara piamente na ideia de Wittgenstein de que o inexprimível está contido – inexprimivelmente! – no exprimido. Esta ideia é menos popular que a outra, mais reverenciada, que diz que *daquilo que não se pode falar, deve-se calar*, mas, na minha opinião, é mais profunda. O paradoxo que encerra define literalmente *porque escrevo*, ou como me sinto capaz de continuar a escrever.



Pois não alimenta ou exalta qualquer angústia que possamos sentir sobre a incapacidade de exprimir, por palavras, aquilo que lhes escapa. Não castiga o que pode ser dito, pelo que, por definição, é indizível. E também não exagera imitando um nó na garganta: *Ah, o que eu diria, se as palavras fossem boas o suficiente*. As palavras são suficientemente boas.

É inútil culpar a rede por ter buracos, adverte-me a enciclopédia.



Desta forma, podemos ter não só o nosso lugar sagrado vazio, com o seu chão de terra bem varrido, como o espectacular vitral a cintilar junto às empenas da catedral. Porque nada do que dissermos poderá foder o espaço dedicado a Deus.

Já expliquei isto noutro lado. Mas agora tento dizer uma coisa diferente.

Não tardei a descobrir que também tu dedicaras uma vida inteira à mesma convicção de que as palavras *não* são suficientemente boas. Não só não são boas o suficiente como corroem tudo o que é bom, tudo o que é real, tudo o que flui. Discutimos várias vezes por causa disto, discussões cheias de ardor, não de rancor. Mal nomeamos uma coisa, dizias tu, nunca mais voltamos a encará-la da mesma maneira. Tudo o que é inominável se desmorona, se perde, é assassinado. Querias com isto insinuar que a nossa mente tem uma função formulaica. Dizias que tinhas chegado a esta conclusão não por te teres esquivado à linguagem, mas por teres imergido nela: em conversa, na tela, em cena, na página. Na senda de Thomas Jefferson e das igrejas, argumentei em prol da superabundância, da mudança caleidoscópica, do excesso. As palavras, insisti, fazem mais que nomear. Li-te em voz alta o início das *Investigações Filosóficas*. *Laje*, gritei, *laje*!

Durante um tempo, achei que tinha ganhado. Admitiste que talvez houvesse um ser humano aceitável, um animal humano aceitável, ainda que esse animal humano usasse a linguagem, ainda que o seu uso da linguagem definisse de alguma maneira a sua humanidade – ainda que essa humanidade significasse destruir e incendiar todo o nosso precioso

e heterogéneo planeta, em conjunto com o seu (o nosso) futuro.

Mas também eu mudei. Pensei de novo nas coisas inomináveis ou, pelo menos, nas coisas cuja essência é bruxuleante, fluente. Voltei a admitir a tristeza da nossa previsível extinção e a injustiça da extinção dos outros levada a cabo por nós. Parei de repetir presunçosamente que *tudo o que pode ser pensado pode ser pensado claramente* e interroguei-me de novo se tudo pode ser pensado.

Ludwig
Wittgenstein

E tu, o que quer que argumentasses, jamais fingias ter um nó na garganta. Na verdade, corrias à minha frente e levavas pelo menos uma volta de avanço sobre mim, com um rasto de palavras na tua esteira. Como poderia eu alguma vez alcançar-te (que é como quem diz: *como poderias tu querer-me?*).

Um dia ou dois depois da minha declaração de amor, agora de uma vulnerabilidade brutal, enviei-te o excerto do *Roland Barthes por Roland Barthes* em que Barthes descreve como o sujeito que pronuncia a expressão «amo-te» se assemelha ao «argonauta que renova o seu barco durante a viagem sem lhe alterar o nome». Assim como as partes da *Argo* podem ser substituídas ao longo do tempo sem que o barco deixe de se chamar *Argo*, sempre que quem ama profere a expressão «amo-te», o seu significado tem de ser renovado sempre que é enunciada, pois «a missão do amor e da linguagem consiste em dar a uma mesma expressão inflexões que serão sempre novas».

Achava o trecho romântico. Tu leste-o como possível retraimento. Em retrospectiva, suponho que era ambas as coisas.

Perfuraste-me a solidão, disse-te. Havia sido uma solidão útil, construída, em certa medida, em torno de uma sobriedade recente, com longas caminhadas de e para o Y através das ruas secundárias de Hollywood juncadas de buganvílias, de passeios de carro pela Mulholland Drive para encurtar as longas noites e, claro, de acessos maníacos de escrita, tentando aprender a dirigir-me a ninguém em particular. Mas chegara a hora de ser perfurada. *Sinto que posso dar-te tudo sem me perder a mim mesma*, sussurrei na tua cama, na cave. Este é o prémio para quem se dedica com afincos à sua solidão.

Uns meses depois, passámos o Natal num hotel na Baixa de São Francisco. Eu tinha reservado o quarto pela internet na esperança de que o quarto e o tempo que iríamos passar nele te fizessem amar-me para sempre. Acabou por ser um daqueles hotéis que são baratos porque estão a passar por uma renovação surpreendentemente deplorável, e porque ficava mesmo no meio do Tenderloin District. Não importava, tínhamos mais com que nos ocupar. O sol que penetrava pelas venezianas maltrapilhas pouco fazia para ocultar os trabalhadores que martelavam do lado de fora enquanto nós, do lado de dentro, deitávamos mãos à obra. *Não me mates, não*, pedi quando, sorrindo, começaste a tirar o cinto das calças.

Depois de Barthes, tentei de novo, dessa feita com o trecho de um poema de Michael Ondaatje: